

DOSSIÊ

EVOLUÇÕES E EXPERIÊNCIAS EM UM GÊNERO HÍBRIDO:

análise das características jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL TAB (2014–2018)



CÍNTIA SILVA DA CONCEIÇÃO

Universidade Federal do Paraná, Curitiba – Paraná – Brasil

ORCID: 0000-0002-4246-2006

MYRIAN REGINA DEL VECCHIO-LIMA

Universidade Federal do Paraná, Curitiba – Paraná – Brasil

ORCID: 0000-0002-1833-2332

DOI: 10.25200/BJR.V17N2.2021.1371

Recebido em: 29/11/2020

Desk Review em: 25/01/2021

Editora do Desk Review: Monica Martinez

Revisado em: 01/03/2021

Revisado em: 05/04/2021

Aceito em: 19/04/2021

RESUMO – Em um cenário em que o jornalismo longform já faz parte das narrativas na web, este trabalho buscou compreender se e como, as características do jornalismo literário (JL), definidas pelos autores Kramer (1995), Wolfe (2005), Lima (2009) e Pena (2017), são integradas ao conteúdo multimídia do webjornalismo. Para isso, foram utilizadas as abordagens quantitativa e qualitativa e aplicou-se a metodologia análise de conteúdo em uma amostra final de quatro reportagens da plataforma UOL TAB. Verificou-se que o JL na escrita digital se apropria dos elementos multimídia com a intencionalidade de potencializar a experiência do leitor; e, embora o texto escrito continue como elemento central da narrativa, são os recursos multimídia acoplados a ele que inovam o gênero, tornando a experiência do leitor mais imersiva.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Cultura digital. Webjornalismo. Longform. TAB UOL.

**HYBRID GENDER IN METAMORPHOSIS:
analysis of journalistic-literary characteristics in the editions of the
digital platform UOL TAB (2014–2018)**

ABSTRACT – In a scenario in which long-form journalism is already part of narratives on the web, this work sought to understand whether and how the characteristics of literary journalism (JL), defined by the authors Kramer (1995), Wolfe (2005), Lima (2009) and Pena (2017), are integrated into the multimedia content of webjournalism. For this, the quantitative and qualitative approaches were used and the content analysis methodology was applied to a final sample of four reports from the UOL TAB platform. It was found that the JL in digital writing appropriates the multimedia elements with the intention of enhancing the reader's experience and, although the written text remains a central element of the narrative, are the multimedia resources attached to it which innovate the genre, making the reading experience more immersive.

Keywords: Literary journalism. Digital culture. Webjournalism. Long-form. TAB UOL.

**GÊNERO HÍBRIDO EN METAMORFOSIS:
análisis de las Características periodístico-literarias em las
ediciones de la plataforma digital UOL TAB (2014–2018)**

RESUMEN – En un escenario donde el periodismo de larga duración ya forma parte de las narrativas en la web, el trabajo buscó comprender si y cómo las características del periodismo literario (JL), definidas por los autores Kramer (1995), Wolfe (2005), Lima (2009) y Pena (2017), se integran en el contenido multimedia del periodismo web. Para ello, se utilizaron los enfoques cuantitativos y cualitativos y se aplicó la metodología de análisis de contenido a una muestra final de cuatro reportajes periodísticos de la plataforma UOL TAB. Se encontró que la JL en escritura digital se apropia de los elementos multimedia con la intención de mejorar la experiencia del lector; y, aunque el texto escrito sigue siendo un elemento central de la narrativa, son los recursos multimedia adjuntos que innovan el género, haciendo que la experiencia del lector sea más inmersiva.

Palabras clave: Periodismo literario. Cultura digital. Periodismo web. Longform. TAB UOL.

1 Introdução

As organizações jornalísticas precisaram se adaptar, desde meados dos anos 1990, para ocupar espaço no ambiente digital que se abriu aos mais diversos campos de atividade com a popularização do acesso à internet. Antigas práticas foram reavaliadas, jornalistas ampliaram suas funções e jornais alternativos trouxeram mais pluralidade à rede. A expansão da cultura digital se tornou causa de preocupações para a área, conduzindo a novas práticas editoriais nas rotinas produtivas e à busca por novos modelos de negócio (Horn & Del Vecchio de Lima, 2020). Entretanto, o mesmo ambiente permite inúmeras possibilidades e ferramentas criativas, o que pode gerar motivação pelas mudanças e novas formas de produção e de

consumo dos conteúdos jornalísticos. E é no interior desse cenário de transformações que emerge o tema deste artigo: as adaptações do jornalismo literário no espaço de escrita digital, aliado aos recursos multimídia e à disseminação do texto longform.

O debate sobre o jornalismo literário na academia é cercado por questionamentos, inclusive sobre seu status — ele deve ser enquadrado como um subgênero da literatura, pensamento que se construiu principalmente após a publicação de grandes reportagens em formato de livro; ou como subgênero do jornalismo, já que ele é produzido, em geral, por jornalistas? Adotamos a visão de um jornalismo literário com lugar autônomo, que bebe das duas fontes que o alimentam e se transforma em algo híbrido, mas único. Tal visão se apoia no trabalho de Borges (2013), que o situa como um híbrido entre jornalismo e literatura:

Quando encarado como uma via independente, o Jornalismo Literário estabelece fissuras ao admitir, em sua engrenagem de elaboração, o fator subjetivo como elemento constitutivo de seus estatutos e métodos, sem perder, com isso, a credibilidade. Trata-se de um terceiro discurso que presta seus devidos tributos ao jornalismo tradicional – comprometido em enunciar, dentro do possível, a realidade dos fatos – e vinculando-se, por outro lado, também à criação literária – estabelecendo-se sob influências –, mas promovendo rupturas com ambos, com semelhanças e diferenças simultâneas. (Borges, 2013, pp.304–305).

O jornalista e professor Felipe Pena, ao pensar o jornalismo literário, tem uma visão que dialoga com a de Borges (2013), colocando-o em um lugar de autonomia, que ao se beneficiar da junção entre jornalismo e literatura, “transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose” (Pena, 2017, cap.1). Também Mônica Martinez (2016) apresenta reflexões pertinentes sobre o local híbrido ocupado pelo jornalismo literário, “além de questões relacionadas a objetividade, subjetividade e estruturação do gênero” (Conceição, 2020, p.26).

Ao realizar um levantamento de características jornalístico-literárias apontadas por pesquisadores brasileiros, Martinez (2016) apresenta três pontos característicos do gênero: apuração; digestão e compreensão do material apurado; e redação em estilo literário. A apuração é representada pela necessidade de um texto aprofundado. Digestão e compreensão do material apurado estão ligadas à compreensão sobre a questão simbólica do texto, no sentido de

entender as nuances psicológicas, sociais e históricas. A redação em estilo literário fecha a tríade com referência ao uso de técnicas empregadas comumente pelos autores de ficção.

Richard Keeble (2018), em artigo que foca no jornalismo literário como disciplina, reitera os debates acadêmicos sobre o local no qual esse jornalismo deve ser colocado, afinal “jornalismo literário é no fundo um termo confuso. De fato, tem em sua essência uma qualidade provisória que captura muitas das incertezas e contradições da situação do escritor atual” (Keeble, 2018, p.903). Ao citar o crítico britânico Mark Lawson, Keeble reforça o fato de vivermos em uma “cultura de borrões híbridos” (2018, p.903).

Para além da discussão da legitimidade do jornalismo literário como gênero, o autor coloca em pauta o fato dos estudos nesta área estarem, aos poucos, se espalhando pelo mundo. “Trabalhos recentes na *Literary Journalism Studies* incluíram estudos focados na África do Sul, França, Alemanha, Polônia, Argentina, Austrália e Rússia” (Keeble, 2018, p.902). A própria “Declaração de Missão” da *Literary Journalism Studies* já aponta que não é possível levantar uma descrição definitiva do gênero, mas indica algumas dessas definições, dadas por pesquisadores de diversas partes do mundo e que ajudam “a estabelecer um ponto de encontro para seu estudo crítico” (IALJS, s.d.). Nessas definições, é comum encontrar declarações que colocam o texto jornalístico literário como um texto marcado por descrições vívidas, relatos oculares e a atenção ao ordinário que pode esconder em si o extraordinário, mas que, “no centro crítico do gênero está a revelação cultural na forma narrativa” (IALJS, s.d.).

No volume inaugural da publicação, Norman Sims (2009) já levantava questionamentos sobre o local do jornalismo literário na internet, a possibilidade de um jornalismo literário multiplataforma na web e a criação de um modelo de receita sustentável para a manutenção desse tipo de jornalismo que “exige reportagens de imersão, precisão, estruturação cuidadosa e muito trabalho, não importa o meio usado”² (Sims, 2009, p.11). Mais de uma década após esse questionamento inicial, alguns projetos criativos que aliam jornalismo literário e recursos multimídia já foram lançados e descontinuados na web, inclusive alguns deles são citados nesta pesquisa, mas o que chama a atenção nos escritos de Sims (2009) é o fato de essa tecnologia possibilitar novas discussões e conexões que devem atrair atenção acadêmica, e é isso que almejamos com a presente pesquisa.

Textos jornalísticos literários apresentam múltiplas características, como veremos adiante, mas já salientamos uma delas, relacionada de forma intrínseca ao jornalismo longform: o aprofundamento da narrativa. Sabe-se que profissionais que decidem se aventurar na modalidade precisam manter uma relação próxima de seus personagens, e demandam tempo para observar o cenário a ser retratado. Assim, textos que se enquadram no gênero acabam por ser longos, aprofundados, com variedade de pontos de vista e argumentos. Portanto, para florescer na internet, o jornalismo literário precisa de espaço, que encontrou com a disseminação do longform na web.

Mas é claro que ao estar em um outro meio – afinal ler em tela é uma experiência que difere de ler no papel –, o jornalismo literário encontrou aliados potentes para sua construção: os elementos multimídia. A linguagem multimídia é vista nesta pesquisa com base no trabalho de Salaverría (2014), que elenca oito elementos: 1) texto; 2) fotografia; 3) gráficos, iconografia e ilustrações estáticas; 4) vídeo; 5) animação digital; 6) discurso oral; 7) música e efeitos sonoros; 8) vibração. E o futuro pode reservar ainda mais elementos³.

Para Salaverría (2014, p.30), a multimídia é, de forma simples, a “combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem”, mas definir o conceito perpassa outros caminhos, com múltiplas linguagens e plataformas. Apesar de não ser unanimidade, visto que muitas plataformas apostam apenas na combinação texto e imagem, o tema “jornalismo literário multimídia” já faz parte do campo de estudos da comunicação, e nele destaca-se o trabalho de Fiona Giles e Georgia Hitch (2017).

Este trabalho tem como objetivo compreender de que forma as características do jornalismo literário vêm sendo integradas em narrativas multimídia na internet. Como não é possível abranger todo o universo de veículos que apresenta esse tipo de narrativa, mesmo com recortes espaciais e temporais aplicados, selecionamos como recorte empírico um site específico, o UOL TAB⁴. Ao firmar esse objetivo, a principal premissa que surge é de que seria possível traçar um paralelo entre as características do jornalismo literário e certos elementos multimídia, por exemplo: características que remetessem à descrição de cena deixariam de se situar no texto escrito para aparecer em fotografias e vídeos; já aquelas relacionadas ao aprofundamento temático seriam inseridas em textos e infográficos etc.

O UOL TAB é uma plataforma dentro do Universo Online, mais conhecido como UOL. O UOL foi o primeiro portal de conteúdo do Brasil, que surgiu em 1996, e sua trajetória tem alguns marcos como o lançamento da TV UOL (1997), a primeira TV feita totalmente para internet com transmissão de conteúdo ao vivo e o serviço UOL WAP⁵ (2000) que permitia aos usuários de celulares terem acesso ao conteúdo da plataforma em qualquer lugar. Atualmente o grupo UOL é a maior empresa brasileira de conteúdo, tecnologia e serviços do Brasil, sua homepage recebe mais de 114 milhões de visitantes únicos por mês⁶, e em 2014 o UOL lança a plataforma de web-reportagens em profundidade UOL TAB. O TAB foi criado para ser um produto midiático que oferecesse, além de narrativa e interface inovadoras para práticas de ciberjornalismo, um formato comercial diferenciado para a publicidade (Schneider, 2018).

As reportagens do TAB, em sua primeira fase, são majoritariamente longform e planejadas para o melhor uso dos recursos multimídia, como aponta o ex-editor da plataforma Daniel Tozzi (entrevista concedida, 10 de agosto de 2018): “[...] a gente queria usar o máximo de recursos possíveis. Multimídia, interativo, e criar uma narrativa que fosse uma nova experiência, que fosse uma maneira de informar com leveza e profundidade”. O TAB foi selecionado também por apresentar periodicidade regular, ser um veículo nativo digital com a proposta de investir em um design inovador e apresentar uma equipe de profissionais multimídia para sua produção. Mas antes de adentrarmos no que foi possível encontrar no TAB em matéria de jornalismo literário, é necessário deixar clara a trilha metodológica selecionada para desenvolver a pesquisa.

2 Trilhar o caminho da pesquisa

Linearidade não foi uma característica do desenvolvimento da metodologia nesta pesquisa em seu formato mais abrangente. A pesquisa bibliográfica inicial permitiu identificar inúmeros trabalhos e alguns deles figuram aqui como referências⁷. Em paralelo, uma pesquisa exploratória levou a identificar possíveis plataformas que serviriam de objeto empírico do trabalho, com destaque para o TAB, pelos motivos já mencionados.

Como a pesquisa foi dividida em um primeiro momento quantitativo, seguido do aprofundamento qualitativo, a análise

de conteúdo (Bardin, 2011) se mostrou eficiente como escolha metodológica. O ciclo temporal para a coleta do material teve como ponto de partida a primeira reportagem, edição⁸ número 1 do TAB, publicada em 13/10/2014, até a última edição do ano de 2018, publicada em 10/12/2018, perfazendo 176 edições.

A falta de linearidade mencionada se deu ao iniciarmos a organização de uma planilha Excel que, em um primeiro momento, contava com informações como título da edição, data de publicação, link de acesso, editoria, elementos multimídia – as informações que têm como base os oito elementos elencados por Salaverría (2014) – e extras, coluna com observações anotadas durante a etapa de leitura flutuante (Bardin, 2011). Essa primeira fase objetivou gerar dados quantitativos, mas, como o viés qualitativo era imprescindível, a planilha passou por um segundo momento em que quatro teóricos do jornalismo literário entraram em cena, como explicamos a seguir.

O jornalismo literário apresenta características que podem ser percebidas durante sua leitura, e elas foram a base para o desenvolvimento das categorias de análise da pesquisa. As edições do TAB não foram categorizadas por serem o objeto empírico — assim, categorizamos as características do jornalismo literário, o que constitui o objeto científico.

São muitos os pesquisadores que se dedicaram a identificar as características do jornalismo literário, mas, após uma observação atenta, decidimos adotar quatro pesquisadores como base, dois brasileiros e dois norte-americanos: Mark Kramer (1995), Tom Wolfe (2005), Edvaldo Pereira Lima (2009) e Felipe Pena (2017). É preciso assinalar que tais autores são escolhas específicas para este trabalho de pesquisa, até levando em conta que “as ‘regras’ do jornalismo literário, como afirma Kramer (1995), são quebráveis, pois quando se conta com a criatividade dos envolvidos, pode-se esperar surpresas” (Conceição, 2020, p.52). Mas, evidentemente, outros autores foram importantes no contexto do trabalho, sendo o caso das revisões críticas de Mônica Martinez sobre a temática e sua evolução no Brasil.

Os estudos dos quatro autores selecionados, citados acima, juntos, apontam 29 características do jornalismo literário. Para melhor visualização, apresentamos a tabela 1 que agrupa essas características:

Tabela 1 – Características do jornalismo literário

Kramer (1995)	Wolfe (2005)	Pena (2017)	Lima (2009)
Imersão e aprofundamento.	Descrição das cenas.	Potencialização dos recursos do jornalismo.	Exatidão.
Ética para com o leitor e as fontes.	Status de vida do personagem.	Ultrapassagem dos limites do acontecimento cotidiano.	Narração de uma história.
Tratamento de acontecimentos rotineiros.	Registro do diálogo completo.	Possibilidade de visão ampla da realidade.	Humanização.
Voz autoral.	Ponto de vista da 3ª pessoa.	Exercício da cidadania.	Compreensão.
Estilo.		Rompimento das correntes do lead.	Tema universal.
Posição móvel do autor.		Desvio dos definidores primários.	Estilo próprio e voz autoral.
Estrutura adequada à história.		Perenidade/permanência.	Imersão.
Criação de sentido.			Simbolismo.
			Criatividade.
			Responsabilidade.

Fonte: Conceição (2020), elaborada a partir dos autores apontados.

De forma concisa, ao observar a tabela, podemos perceber que a força do jornalismo literário se encontra em trabalhar acontecimentos rotineiros (Kramer, 1995), mas de forma que seus limites sejam ultrapassados (Pena, 2017); assim, algo que poderia ser ordinário acaba por ganhar densidade quando o jornalista usa de criatividade, simbolismo e humanização para contar uma história (Lima, 2009). A ambientação, que se dá por meio da descrição de cenas e a caracterização apropriada e aprofundada dos personagens (Wolfe, 2005), é um diferencial que auxilia na imersão do leitor na narrativa, algo central para a perenidade da história (Pena, 2017). Ainda ao observar a tabela, percebemos que, como os teóricos olham para um mesmo objeto, em vários momentos essas características se entrelaçam, e é desse cruzamento que surge a categorização utilizada na pesquisa. Como trabalhar com 29 características seria extenuante e dispersivo durante as análises, elas foram agrupadas em categorias, seguindo um critério de similaridade. Para que fique claro ao leitor como pensamos essa categorização, apresentamos a tabela 2:

Tabela 2 – Categorização das características do jornalismo literário

Categorias	Baseada nas características	Descrição
Do aprofundamento/imersão.	Kramer (1995) – Imersão/ aprofundamento do tema. Pena (2017) – Possibilidade de visão ampla da realidade, perenidade/permanência. Lima (2009) – Imersão.	Nessa categoria estão reportagens que apresentem contextualização do tema – histórica, política ou social – argumentos que representem diferentes visões, depoimentos de especialistas e dados de pesquisas acadêmicas ou de institutos profissionais.
De quem narra.	Kramer (1995) – Voz autoral e estilo. Lima (2009) – Estilo (próprio e voz autoral), criatividade.	Nessa categoria estão reportagens que apresentem linguagem ou estilo próprio do narrador – sendo ele um personagem da história ou aquele que passa suas impressões sobre o tema – indo contra o apagamento do jornalista como personagem da reportagem.
Da temática.	Kramer (1995) – Retrato/ acontecimentos rotineiros. Pena (2017) – Exercício da cidadania. Lima (2009) – Tema universal.	Nessa categoria as temáticas podem ser amplas, mas, para um recorte mais preciso, são inseridas reportagens menos abordadas pela imprensa hegemônica e com foco na história particular de um indivíduo.
Da literatura.	Kramer (1995) – Posição móvel do autor e digressão, criação de sentido, estrutura adequada à história. Wolfe (2005) – Descrição das cenas, status de vida do personagem, registro do diálogo completo, ponto de vista da 3ª pessoa. Lima (2009) - Simbolismo, humanização, narração de uma história.	Nessa categoria estão narrativas que apresentam personagens bem construídos – com uma história consistente no texto, não sendo apenas uma fonte –, construção de cenários que localizem o leitor onde a ação acontece, ou seja, textos que não se localizem no local comum do jornalismo hegemônico.
Do jornalismo.	Kramer (1995) – Ética para com o leitor e as fontes. Pena (2017) – Ultrapassagem dos limites do acontecimento cotidiano. Potencialização dos recursos do Jornalismo, rompimento das correntes do lead, desvio dos definidores primários. Lima (2009) – Exatidão, compreensão, responsabilidade.	Nessa categoria são inseridos textos que se relacionam à forma como o jornalista trata a estrutura da história que está contando, seja relacionada à responsabilidade ética sobre as informações, até a escolha plural das fontes e órgãos da pesquisa das quais os dados são retirados.

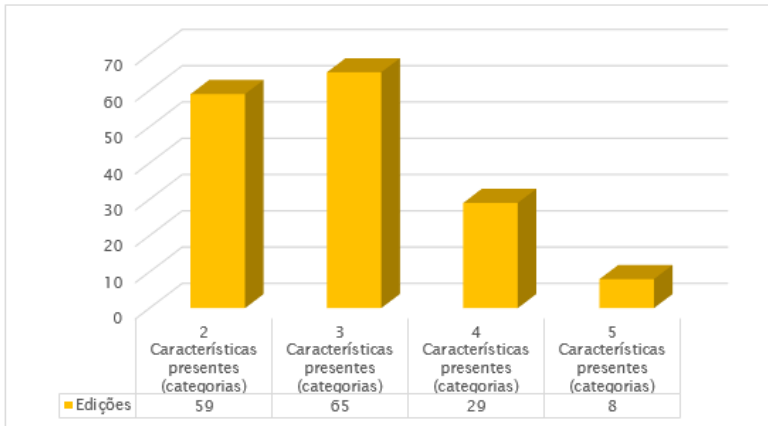
Fonte: Conceição (2020), elaborada a partir dos autores apontados.

Assim, das 29 características apontadas pelos autores selecionados, emergem as cinco categorias analíticas para as edições da pesquisa qualitativa: Do aprofundamento/imersão; De quem narra; Da temática; Do jornalismo; Da literatura.

A segunda etapa da planilha Excel mencionada se iniciou após ser feita a adição à planilha da coluna categorias, quando voltamos ao número total de 176 reportagens e identificamos quais características do jornalismo literário podiam ser encontradas em cada uma delas, tendo em mente a categorização que apresentamos na Tabela 2.

Com a planilha pronta e os dados quantitativos coletados, fizemos o corte das edições que não se mostravam válidas para uma análise qualitativa. Após deixar de lado edições baseadas apenas em vídeo ou ilustração, totalizamos 161 edições. A seguir, verificamos que, com base na quantidade de características (categorias) nas quais elas poderiam ser alocadas, 59 edições se encaixavam em no mínimo duas categorias; a maioria das edições, 65 delas, continha pelo menos três características (categorias) do jornalismo literário, seguida de 29 edições que apresentavam quatro delas e oito que apresentavam todas, como se observa no gráfico 1:

Gráfico 1 – Divisão das edições com base nas características/ categorias



Fonte: Conceição (2020)

Foram pré-selecionadas as oito edições do TAB que apresentavam as cinco categorias firmadas, mas como oito ainda era um número grande para o tipo de análise qualitativa que decidimos

realizar, foi necessário um segundo corte, que teve como base os oito elementos multimídia (Salaverría, 2014) mencionados na introdução. Assim, foram selecionadas para análise quatro edições do TAB que, além de se encaixarem nas cinco categorias de análise, apresentavam mais de quatro elementos multimídia para a construção da narrativa, conforme a tabela 3:

Tabela 3 – Edições selecionadas para análise qualitativa

	Título	Link de Acesso	Data de publicação	Editoria
26	Transgênero	https://tab.uol.com.br/trans/	27/4/2015	Comportamento
54	Humano Baldio	https://tab.uol.com.br/moradores-de-rua/	7/12/2015	Sociedade
113	A reconstrução de Vinicius	https://tab.uol.com.br/bullying-suicidio	08/05/2017	Comportamento
143	Adeus às armas	https://tab.uol.com.br/jovens-fundacao-casa	15/1/2018	Sociedade

Fonte: Conceição (2020).

De maneira complementar, uma entrevista com o ex-editor da plataforma, Daniel Tozzi, realizada em 13 de fevereiro de 2020, via Skype, apesar de não trazer esclarecimentos teóricos, foi importante para sanar dúvidas sobre como a plataforma funcionou no período analisado. Devido ao fato de Tozzi já ter dado diversas entrevistas sobre o TAB, disponíveis online, a conversa realizada por uma das autoras se manteve focada em assuntos pertinentes para a pesquisa – como os aspectos gráficos e multimídia das edições e a transformação desses aspectos com o passar dos anos; além de abranger a questão da liberdade de escolha dos jornalistas da plataforma em utilizar, na narrativa, um tom conversacional e o texto em primeira pessoa, e de investigar de que maneira o jornalismo literário foi inserido na publicação.

As idas e vindas para a construção metodológica já carrega em seu cerne boa parte da carga teórica da pesquisa, pois todo o processo de seleção do corpus teve como base as características do jornalismo literário e da linguagem multimídia. Antes de prosseguir com as análises, é interessante mostrar como esses processos se situam no interior de uma cultura digital.

3 Aproximações entre jornalismo literário e cultura digital

O processo de mudanças editoriais e de design no UOL TAB, conforme se aponta no próximo tópico com mais detalhes, se inicia após uma decisão gerencial para atender o acesso cada vez maior por meio das pequenas telas dos smartphones (Tozzi, 2020).

Benakouche (1999), ao relacionar tecnologia e sociedade, recupera dois conceitos firmados por Hughes (1983) para explicar o processo de adoção da tecnologia por parte da sociedade: o *reverse salient* e o *momentum*. O primeiro “sugere a necessidade de uma ação coletiva e concentrada quando um sistema tecnológico dado apresenta obstáculos – ou pontos fracos – em seu desenvolvimento” (Benakouche, 1999, p.6). Com a identificação desses “problemas críticos”, como a autora traduz o conceito, eles podem ser analisados e melhorados para a continuação do processo de expansão. O segundo refere-se à etapa em que uma tecnologia ganha ampla aceitação social/institucional e um contexto favorável, o que permite sua expansão rápida e com certa autonomia.

O smartphone é um exemplo claro desse processo. Ao ter em vista o cenário nacional em relação à cultura digital, a Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros (TIC Domicílios, 2017, p.113) mostra que, apesar da desigualdade social ainda afetar de forma significativa o acesso à internet, “continua crescendo o número de domicílios com acesso à internet no país, chegando a 42 milhões de domicílios conectados”. Esse aumento no acesso não corresponde a um aumento no número de domicílios com computadores, visto que “principalmente naqueles mais pobres e localizados em áreas com limitação de infraestrutura [...] a conexão à rede se dá, sobretudo, por meio de telefones celulares” (pp.113–114). Ao focar no uso dos dispositivos móveis, a TIC Domicílios aponta que, “pela primeira vez, a proporção daqueles que usaram a internet exclusivamente em telefones celulares” (49% da população) “chegou no mesmo patamar daqueles que a usaram tanto pelo computador quanto pelo celular” (p.115)(47% da população).

A partir dessa reorganização dos comportamentos socioculturais, o jornalismo busca se atualizar ao adaptar seus conteúdos a essas demandas. A democratização dos dispositivos móveis foi um facilitador para que pessoas de diferentes estratos sociais pudessem acessar conteúdo online, mas isso não garante maior consumo de notícias. Ainda de acordo com a TIC Domicílios

(2017, p.137), as atividades culturais mais realizadas pelos brasileiros na rede foram “assistir a vídeos, programas, filmes ou séries e ouvir músicas pela internet, ambas realizadas por 71% deles”, enquanto a leitura de jornais e revistas ou notícias “foi citada por pouco mais da metade dos usuários (55%)”.

O jornalismo tem um vasto campo para conquistar no espaço de escrita digital, mas, para que ele possa “competir” com outras atividades, é preciso estar aberto a formatos inovadores, que despertem curiosidade e atenção dos leitores. Com base na visão desta pesquisa, o jornalismo longform é um desses formatos. Para Dowling e Vogan (2014), ainda centrados no tablet, as telas são propícias para leituras longas e representam uma aposta para o mercado editorial: “Longform digital é não só a mais recente articulação jornalística da cultura da convergência, mas uma tendência que oferece um potencial sem precedentes para organizações de notícias e mídia de entretenimento” (Dowling & Vogan, 2014, p.212).

O que entendemos por jornalismo longform vai ao encontro do que Longhi (2014) caracteriza como “artigos longos com grande quantidade de conteúdo, que cresceram em popularidade na web nos últimos anos, em sites noticiosos, agregadores de textos jornalísticos e de não ficção longform” (Longhi, 2014, p.912). Os textos dessa categoria são aprofundados, versam sobre vários aspectos de um mesmo tema, não são perecíveis e fazem uso pontual de elementos multimidiáticos. O texto pode ser lido ainda como longform devido ao tempo de apuração, contextualização e aprofundamento. “Textos com essa característica propõem uma leitura mais lenta e um leitor disposto a dedicar tempo para a mesma” (Longhi & Winques, 2015, p.113). A grande reportagem multimídia é o formato jornalístico no qual o longform é comumente encontrado, e é o formato escolhido pelo TAB para compor a maioria de suas edições.

De acordo com Nora Berning (2011, p.4, tradução nossa⁹), as “propriedades eletrônicas que advêm da web, isto é, hipertextualidade, multimídia e interatividade, não apenas permitem novas possibilidades narrativas, mas também oferecem meios aprimorados de imersão para o leitor”, por isso, o espaço parece tão propício para trabalhar com o gênero híbrido. Além de tornar a experiência da leitura mais imersiva, o jornalismo literário multimídia pode reacender algumas discussões relacionadas a autenticidade da reportagem, algo que foi alvo de críticas, nas décadas de 1960/1970, no período do New Journalism:

Semelhante ao processo de imersão, dispositivos dramáticos empregados pelos Novos Jornalistas há quase meio século estão sendo transformados em atividades participativas na Internet. Além disso, os recursos da Internet permitem novas formas de narração multiperspectiva. As propriedades eletrônicas reunidas podem levar a um aumento na autenticidade e credibilidade do jornalismo narrativo online. (Berning, 2011, p.4, tradução nossa¹⁰).

Áudios e vídeos são utilizados como parte da construção da narrativa, e se anteriormente as descrições textuais sobre personagens e cenários eram contestadas, agora podem ser vistas em formato 360 graus. David Dowling (2017), ao se debruçar sobre a estética do jornalismo literário digital, percebe que pontos como o envolvimento do público e uma composição da narrativa que se assemelha aos métodos de montagem do cinema, são os pontos centrais da função narrativa do gênero híbrido no espaço de escrita digital. Apostar na convergência das mídias ao contar uma história vem fazendo com que a indústria se mova cada vez mais para um estado de competição econômica, o que incentivou a realização de muitas iniciativas inovadoras no jornalismo literário digital (Dowling, 2017).

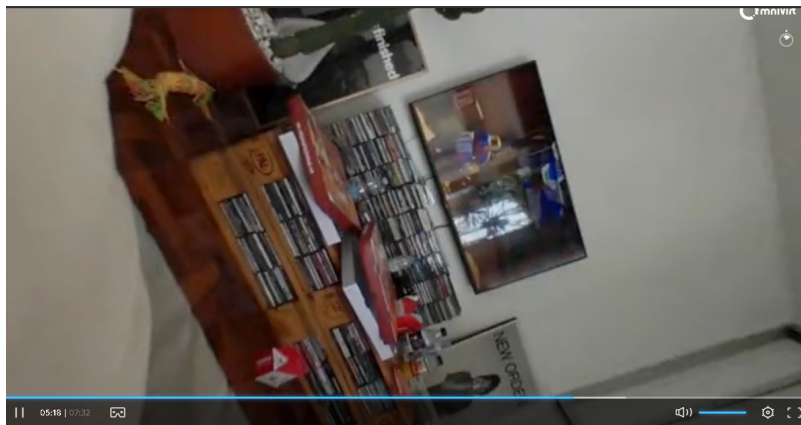
Para utilizar como exemplo o próprio TAB, encontramos algumas soluções narrativas que misturam texto e elementos multimídia de forma criativa e que auxiliam na imersão do leitor. Neste sentido, uma edição marcante é a 150, *Depressão Social*¹¹, mais especificamente o vídeo *Jornada pela Cura*. Durante a edição, que apresenta a depressão como algo que nasce na sociedade e não no indivíduo, o texto permanece documental, mas o vídeo gravado em 360 graus, com a indicação de uso de *cardboard* e fones de ouvido para a exibição, se aproxima de uma visão jornalístico-literária.

O leitor se percebe na visão de um personagem com depressão, se enxerga por meio dos olhos desse personagem e ouve sua conversa com os colegas, além da narração dos pensamentos que passam na sua cabeça. Com duração de quase oito minutos, o vídeo tem o objetivo de colocar o leitor na mente e no corpo de alguém que sofre de depressão e que, de cena em cena, vai apresentando sinais de melhora.

O recurso se aproxima do que é feito no chamado “ponto de vista da terceira pessoa” (Wolfe, 2005), quando o jornalista narra se colocando nos olhos do personagem— aqui é o elemento multimídia que coloca o leitor no interior do ponto de vista da terceira pessoa. A característica levantada por Wolfe (2005) recebeu críticas pelo fato de ser inventiva, já que o jornalista não pode ler a mente do personagem

para saber o que ele observava, ou pensava, no desenrolar de uma cena. Apesar dessa crítica poder ser contornada, pois nada impede que o jornalista pergunte ao personagem como ele se sentiu ou pensou no momento, ao utilizar o vídeo 360 graus novos aspectos são adicionados à discussão.

Figura: VÍDEO 360 graus



Fonte: TAB¹²

No TAB, além do uso de elementos mais comuns como vídeos e fotografias, outros elementos como jogos e quizzes interativos foram utilizados para testar os conhecimentos que o leitor adquiriu durante a leitura; HQs colocaram em traço cenários e personagens que desaparecem em guerras e ditaduras; recursos sonoros foram utilizados para levar sons específicos, como o do subterrâneo da cidade de São Paulo, para os ouvidos de pessoas ao redor do país. Esses elementos, aliados ao texto que guiam o leitor, auxiliam tanto no aprofundamento do conhecimento sobre os temas tratados quanto na criação de sentido e do simbolismo, além de estimular a participação e gerar autenticidade e credibilidade.

O jornalismo literário tem, neste tipo de reportagem, uma aliada. Do espaço aberto pela disseminação de conteúdo longform na web emerge, para esse gênero híbrido, um campo vasto de experimentações. Ao seguir a pista de que o jornalismo literário poderia florescer no ambiente de escrita digital, Jacobson et al. (2015, p.2, tradução nossa¹³) indicam que “os recursos multimídia desse jornalismo de formato longo não são apenas representações da capacidade tecnológica dos jornalistas de hoje, mas também da força

motriz por trás de um novo período de jornalismo literário”. O trabalho em formato longo permite ao jornalismo literário destacar uma de suas principais características: o aprofundamento. A disponibilidade dos elementos multimídia, que podem auxiliar na contextualização de cenários e na apresentação de personagens, são ferramentas disponíveis para que o jornalismo literário possa evoluir mais uma vez.

No decorrer do estudo, ficou claro que, com grandes possibilidades de uso de ferramentas para contar uma história, vem a grande responsabilidade de saber utilizar essas ferramentas. Neste ponto, recorremos a Fiona Giles e Georgia Hitch (2017), que produziram uma sintaxe multimídia das reportagens jornalístico-literárias. De acordo com as autoras, até o momento temos disponíveis três categorias de narrativa, sendo elas: a) Jornalismo Literário Multimídia Aprimorado; b) Interativo; e c) Integrado.

O Jornalismo Literário Multimídia Aprimorado é o que mais se assemelha ao jornalismo literário tradicional, no qual a multimídia apenas completa a história. Nas narrativas que se encaixam nessa categoria, dada a “falta de interatividade entre os leitores e os elementos multimídia do recurso, como nada mais do que um clique necessário para iniciar uma apresentação de slides ou um vídeo, a experiência de leitura é basicamente literária” (Giles & Hitch, 2017, p.79, tradução nossa¹⁴). Mas, mesmo com a baixa interatividade entre os recursos multimídia e os leitores, nesta categoria os elementos técnicos aprimoram a narrativa textual, e permitem ao leitor visualizar gráficos, imagens e vídeos que ajudam a ilustrar o que é contado. Assim, “apesar da riqueza dos recursos multimídia, esses apenas complementam a escrita e, se removidos, deixariam a narrativa intacta” (p.79, tradução nossa¹⁵).

O Jornalismo Literário Multimídia Interativo é o oposto do Aprimorado, nele os elementos multimídia aparecem em excesso e os leitores são obrigados a acessá-los para evoluir na leitura, o que restringe sua autonomia, além de dificultar o envolvimento afetivo com a história narrada. A terceira categoria apontada por Giles e Hitch (2017), Jornalismo Literário Multimídia Integrado, representa a perfeita junção entre o Aprimorado e o Interativo. Aqui os elementos multimídia ajudam a criar tensão dramática, de forma que, caso fossem retirados e restasse apenas a narrativa textual, a história ficaria com lacunas sem preenchimento. De acordo com as pesquisadoras, nesta categoria os elementos humanizadores ficam por conta da multimídia.

Nos três tipos de narrativas apresentadas pelas autoras, o texto permanece como uma base que tem a função de guiar o leitor para os elementos multimídia, que podem ou não ser acessados. Na falta de um fone de ouvido ou de uma conexão estável com a internet, que impeçam o leitor de acessar um vídeo ou escutar um áudio, o texto precisa ser sólido a ponto de contar uma história coerente, mas, ao mesmo tempo, não pode ser enfadonho a ponto de repetir todas as informações presentes nos elementos multimídia para quem os acessa. É uma linha tênue que coloca o texto como um elemento que instiga o leitor a consumir as informações que estão presentes nos elementos multimídia, mas sem colocar barreiras de entendimento caso ele não queira ou não possa fazer esta leitura costurada entre texto escrito e os outros elementos acoplados.

4 Jornalismo literário em ambiente digital: a experiência do UOL TAB (2014–2018)

A história oficial do TAB começou em outubro de 2014, quando o Universo Online(UOL)¹⁶ lançou esse projeto editorial multimídia semanal com a missão de publicar reportagens em profundidade, de alta qualidade e fora dos padrões já praticados pela plataforma. Na ocasião, em entrevista, o ex-diretor de conteúdo do UOL, Rodrigo Flores, afirmou sobre o novo veículo que “a proposta é trazer uma nova experiência em conteúdo. O TAB é a resposta do UOL para a necessidade do nosso público de consumir conteúdo de qualidade em formatos criativos, interessantes e interativos” (UOL, 2014).

Ao olhar para os quatro anos de publicação examinados, percebemos pelo menos duas grandes fases. A primeira refere-se ao período compreendido entre as edições 1 a 66 (10/2014 até 03/2016), quando o layout das edições se adequava ao tema tratado. Nesse período, a cada semana o TAB apresentava um layout diferente da anterior, apoiado em linguagem multimídia rica em combinação de elementos, mesclando ilustrações, imagens, infográficos – estáticos e/ou em movimento – recursos sonoros, vídeos, testes, jogos e enquetes.

A segunda fase, colocada por Ito (2018, p.215) como de “templatização” do TAB, a partir de edição 67 (04/04/2016), “corresponde ao momento no qual as reportagens passam a se tornar mais simplificadas em sua apresentação”. O processo se inicia após uma decisão gerencial para melhorar o acesso por meio de

smartphones. De acordo com o ex-editor da publicação, a experiência do leitor é algo primordial para o TAB, e essa decisão se deu no momento no qual se percebeu que o acesso via smartphones havia aumentado e, nesse dispositivo, os layouts construídos em camadas e mais elaborados não apresentavam a mesma usabilidade:

[...] eu acho que um primeiro ano e meio, dois anos de TAB, teve muita experimentação na construção da narrativa multimídia, muitas variações, basicamente cada edição era realmente muito diferente da outra. E quando você explora devidamente todas as possibilidades de construção de narrativa, conseqüentemente, isso te liberta de ter que transmitir informação no formato de texto tradicional. Acontece que também, tudo isso tem que fazer sentido no aspecto de possibilitar um consumo mais confortável para o usuário daquela informação. A gente avaliou que a experiência em *mobile* não era tão prazerosa, tão instintiva, como a gente gostaria que fosse. A gente precisava melhorar essa performance em *mobile*, e também facilitar um pouco o processo de construção do TAB. Então foi feita uma mudança, reajustando um pouco alguns parâmetros, tendo uma direção de arte muito criativa, muito qualificada. (Tozzi, comunicação pessoal, 2020, 13 de Fevereiro).

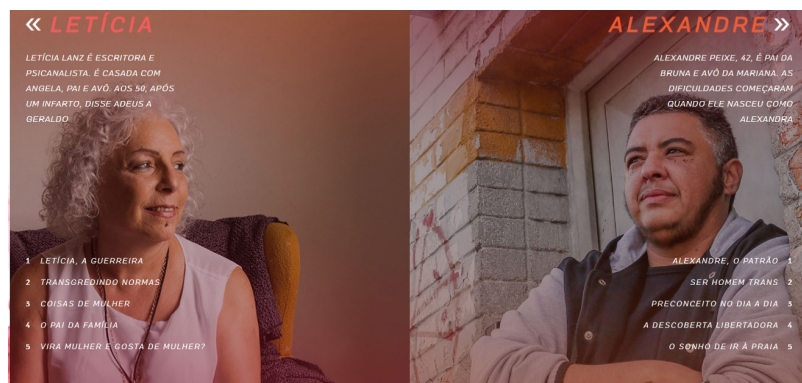
Na primeira fase, o layout do TAB contava com inúmeros elementos e camadas sobrepostas, e a leitura em tablets, que geralmente possuem telas maiores que os smartphones, não era prejudicada; mas ao replicar o formato em telas menores, o layout não apresentava a mesma versatilidade. Essa fase de “templatização” do TAB mantém a estrutura de uma tela de apresentação seguida de parágrafo introdutório e expediente, mas ocorre uma padronização na fonte utilizada nos textos, do fundo — que pode variar entre cinza e preto —, e na apresentação dos vídeos. Elementos como enquetes, testes, interações e jogos deixam de ser utilizados, mantendo os infográficos, tanto estáticos quanto animados, vídeos e imagens.

As quatro edições analisadas nesta pesquisa abrangem ambas as fases, sendo que duas edições estão localizadas na primeira – *Transgênero* e *Humano Baldio* –, e as outras duas na segunda – *A reconstrução de Vinicius* e *Adeus às armas*. Como no espaço deste artigo não é possível passar de forma detalhada por todas as etapas de análise que foram aplicadas na pesquisa completa, aqui apresentamos duas dessas etapas. Na primeira, trazemos uma sinopse das edições e dos elementos multimídia (Salaverría, 2014); na segunda, desenvolvemos a análise das quatro edições de forma conjunta, privilegiando a estrutura das categorias/características do jornalismo literário, já explicitadas na metodologia da pesquisa.

A edição 26 do TAB, *Transgênero*, publicada em 27/04/2015, apresenta dois personagens principais, ambos transgêneros: Letícia,

escritora e psicanalista, que após um infarto toma a decisão de viver como uma mulher transexual; e Alexandre, que sonha em um dia voltar a trabalhar com crianças (figura 2). A edição se assemelha a um perfil, partindo das vivências dos personagens, mas abre para questões mais amplas como aceitação, transição, performance do gênero, preconceito e sociedade. Os elementos multimídia (Salaverría, 2014) apresentados são: texto, vídeo, fotografia, discurso oral e infográfico. A edição conta com seis blocos de texto, 20 vídeos, 21 fotografias, três discursos orais, dois infográficos e um hiperlink.

Figura 2 –Edição *Transgênero*



Fonte: TAB.¹⁷

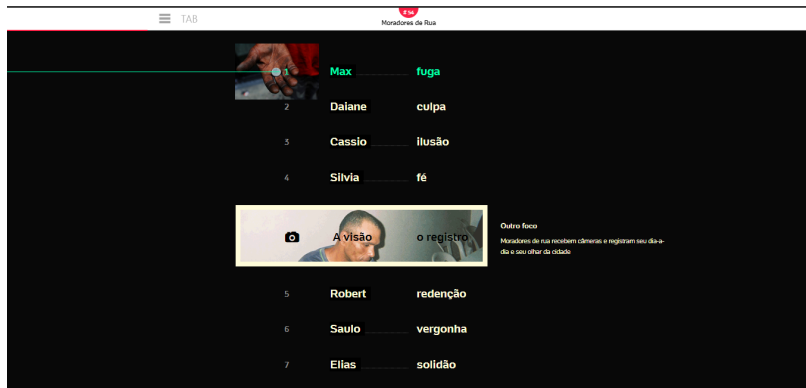
Durante a análise desta edição, o elemento texto tem um protagonismo em relação aos outros utilizados na construção na narrativa, sendo explorado tanto para a apresentação dos personagens quanto para aprofundamento temático. O vídeo também foi um elemento bem explorado, principalmente quando os personagens ficam com a função de retratar as próprias vivências. A fotografia foi um recurso utilizado tanto com a finalidade de aprofundamento nas histórias dos personagens, ao trazer simbolismo, quanto para abordar a temática da transexualidade no âmbito social, quando ela é a ferramenta utilizada por Alexandre para retratar seu dia a dia. O discurso oral também serviu a esses dois princípios, tanto para ilustrar experiências de luta e preconceito, quando para fins mais simbólicos, quando Leticia fala de seu colar de serpente. O infográfico teve como função o aprofundamento temático, ao colocar para o leitor de forma simplificada alguns aspectos da transexualidade.

A segunda edição analisada foi a 54, *Humano Baldio*, publicada em 7/12/2015. O texto, que apresenta a história de sete

peças em situação de rua já insere o simbolismo (Lima, 2009) no título, ao colocar o ser humano como algo baldio. Trata-se de um jogo de linguagem interessante, visto que em Portugal um “terreno baldio” é um espaço gerido por uma comunidade local, enquanto, no Brasil, o “baldio” tem o sentido de algo abandonado, sem proteção ou cuidado. Aqui o simbolismo apresentado é o de pessoas em situação de vulnerabilidade que deveriam ser cuidadas pela comunidade, mas que, na verdade, se encontram abandonadas e invisibilizadas.

Assim como a anterior, essa edição tem como ponto de partida as vivências dos personagens, mas abre para questões sociais, comportamentais e psicológicas (figura 3). Os elementos multimídia utilizados para a composição foram oito blocos de texto, sete vídeos, 79 fotografias, sete discursos orais, quatro hiperlinks e sete infográficos.

Figura 3: Menu de personagens da edição *Humano Baldio*



Fonte: TAB.¹⁸

Em relação aos elementos multimídia utilizados para a construção na narrativa, pode-se perceber que eles se encontram bem divididos entre as características do jornalismo literário. O aprofundamento ficou a cargo do discurso oral, por meio das declarações do psicólogo social, e do infográfico que apresenta dados relacionados à alimentação, saúde e bem-estar de pessoas em situação de rua. O texto foi o elemento pelo qual o jornalista pode apresentar uma linguagem criativa, e apresentar os personagens, que se expressaram por meio do vídeo e das fotografias. O hiperlink foi um recurso utilizado no infográfico com a função de dar ao leitor dicas de como auxiliar moradores de rua em algumas situações do dia a dia.

A edição 112, *A reconstrução de Vinicius*, publicada em 8/05/2017, apresenta temas como bullying e suicídio. O texto parte das vivências de Vinicius, que sofreu bullying na escola, tentou se suicidar e encontrou no movimento drag uma forma de se expressar (figura 4). Em relação aos elementos multimídia utilizados, apresenta 14 blocos de texto, um vídeo, um infográfico e 20 fotografias.

Figura 4 – capa da edição *Areconstrução de Vinicius*



Fonte: TAB.¹⁹

Quando voltamos o olhar para esta edição, o protagonismo do texto é inegável — ele é o elemento que conduz o leitor durante toda a narrativa. Em comparação com as edições analisadas anteriormente, que tem o vídeo relacionado com as características que advêm da literatura, nesta edição ele deixa de lado a função de contar uma história, e é usado como ferramenta para promover uma discussão que se atém ao bullying e aos transtornos psicológicos. A narrativa fotográfica se assemelha a um ensaio no qual vemos o personagem principal se tornando drag queen, auxilia na criação de um perfil de Vinicius, e registra a transformação física que foi um passo importante no resgate da autoestima.

A última edição analisada é a 143, *Adeus às armas*, publicada em 15/01/2018, que trata do sistema de internação e reabilitação de adolescentes em conflito com a lei. A web reportagem narra a história de dois jovens que após cumprirem medida socioeducativa foram encaminhados para programa de liberdade assistida. Os elementos multimídia na edição são sete blocos textuais, dois vídeos, um infográfico, um hiperlink e quatro fotografias.

Figura 5 –capa da edição *Adeus às armas*

Fonte: TAB.

O protagonismo do texto nesta edição se repete. Fica a cargo dele a apresentação e desenvolvimento da história dos personagens, os depoimentos dos três especialistas que contribuíram com a edição e a exposição dos dados numéricos. Os dois vídeos foram divididos em funções distintas: o primeiro se ateu à apresentação e cruzamento de dados sobre a realidade do sistema de internação e a recuperação de jovens em conflito com a lei; o segundo focou nas vivências de personagens que passaram por esse sistema e os depoimentos de quem lá trabalha e convive com os jovens. O infográfico teve a função de ampliar a temática, explicando passo a passo os caminhos de um jovem em conflito com a lei no sistema judiciário. O hiperlink amplia a informação, apresentando outra notícia relacionada ao tema.

Durante a análise das quatro edições, verificamos que características do jornalismo literário que advêm do aprofundamento/imersão estão presentes, em especial, nos elementos texto e vídeo. Apesar de em um dos casos o discurso oral ser o elemento principal para inserção das falas de especialistas, em geral o texto continua predominante quando a função é dar a contextualização sobre um tema, inserir dados científicos ou comprovar alguma informação, apresentando números. O elemento vídeo tem a função de proporcionar um tipo diferente de aprofundamento narrativo, aquele proveniente dos personagens que vivem as situações tratadas nas edições. Isso pode ser visto em *Adeus às Armas*, quando ocorre a inserção de depoimentos das assistentes sociais que acompanham os jovens; e em *Transgênero*, quando a personagem Letícia usa seus conhecimentos de pesquisadora de gênero para detalhar

informações. A inserção de textos nos vídeos também serviu para deixar as declarações dos personagens mais claras, o que ocorreu nas duas edições já citadas.

As características que advêm de quem narra foram as únicas que se concentraram em apenas um elemento, o texto, e isso ocorre pelo fato de os jornalistas, enquanto narradores, não estarem presentes em nenhum outro elemento, como vídeo e discurso oral. Mesmo que o uso da escrita em primeira pessoa esteja presente em apenas uma das edições selecionadas, durante a narrativa os jornalistas se colocam no papel de guias ao esclarecer para o leitor pontos específicos das histórias dos personagens, deixando que estes tenham o protagonismo ao narrar os fatos de suas vidas. O estilo da escrita, carregada de simbolismo e com ritmo próprio, é outro fator que diferencia os jornalistas entre si, e evita que se caia na seara da padronização textual.

As características do jornalismo literário que advêm da temática, apesar de bem distribuídas durante as narrativas, visto que o tema é o ponto de partida para tudo, foram frequentemente aprofundadas no elemento infográfico. Três das quatro edições analisadas utilizaram esse elemento para detalhar pontos da temática. Talvez para retirar do texto o caráter didático e deixar a narrativa mais dinâmica, o infográfico se torna uma forma mais “chamativa” e, em alguns casos, interativa, de passar ao leitor algumas informações.

Foi possível perceber que as características do jornalismo literário que advêm da literatura são mais comuns nos elementos texto, fotografia e vídeo, os mais utilizados para o aprofundamento do personagem e a criação do cenário no qual vivem. As descrições detalhadas acabaram deixando de aparecer no texto, principalmente, no caso das edições “pré-templatização”, para serem trabalhadas em vídeos e fotografias.

Nos vídeos, os personagens ganham mais dimensões, visto que os leitores podem ouvir as vozes, ver as expressões faciais, a forma como se movem e interagem com o espaço; assim, o jornalista não precisa abordar de forma aprofundada esses aspectos no texto. O ato de ouvir o personagem narrando pontos que marcaram sua vida e suas experiências pode fazer com que os leitores criem uma ligação mais próxima com esses indivíduos, vistos em primeira mão, e não por meio do olhar de um terceiro.

As fotografias, que acompanham legendas, têm papel importante no processo de reconhecimento dos personagens, pois

nelas o foco é voltado para nuances que podem passar despercebidas no vídeo — detalhes na forma de se vestir, nos adereços ou na decoração. Enfim, o texto continua a cumprir um papel importante, reforçando pontos aos quais o leitor pode não ter prestado atenção, mas fundamentais para a temática tratada; e, de forma geral, a tensão dramática fica a cargo das fotografias e vídeos.

As características do jornalismo literário que advêm do jornalismo podem ser percebidas em especial nos elementos texto, vídeo e infográficos; embora de forma descentralizada, são encontradas em praticamente todos os elementos em diferentes edições. Essa variedade de ferramentas disponíveis nas narrativas multimídia auxilia na potencialização dos recursos de jornalismo, pois as informações podem ser transmitidas de forma ampla, por diferentes meios, e de forma criativa.

Ao se ter em vista que as edições analisadas têm como foco a história de personagens, a questão da ética para com o leitor e com a fonte é algo que precisa ser observada de forma atenta; mas, o fato de se utilizar elementos como o áudio e o vídeo, disponíveis para a construção da narrativa, parece ser um trunfo nesse momento, pois os personagens podem aparecer de forma mais clara e ativa no interior de sua própria história.

5 Considerações finais

Não podemos afirmar que o jornalismo literário já concluiu sua adaptação para o meio digital, e, provavelmente, nunca concluirá. Como algo que está vivo, ele se encontra em permanente metamorfose, pois, para se encaixar em novas formas jornalísticas, ele precisa ser assim.

Transgênero, a primeira edição analisada, é marcada pelo protagonismo do texto: a maioria das características do jornalismo literário se apoia nele, mas os elementos fotografia e vídeo são utilizados para promover a imersão do leitor na história dos personagens, que ganham mais camadas quando passam a narrar as próprias vivências. Já em *Humano Baldio*, não percebemos o protagonismo de nenhum elemento multimídia — as características do jornalismo literário se encontram bem divididas entre eles. A *reconstrução de Vinicius* marca o período pós-“templatização” do site, sendo a única na qual o jornalista narra em primeira pessoa. Nessa

edição e em *Adeus às armas*, o protagonismo do texto também é percebido, mas enquanto na primeira o vídeo é um elemento que amplia a temática e não tem foco no personagem, na segunda o vídeo volta a ser um espaço no qual o leitor tem um contato mais próximo, e imersivo, com os personagens.

Ao voltar a olhar às características do jornalismo literário nas narrativas multimídia, já separadas em categorias firmadas pelo critério de similaridade (Bardin, 2011), percebemos que, ao contrário de uma narrativa que setoriza características jornalístico-literárias pré-determinadas para cada elemento multimídia, não há um padrão, pois, as características se encontram bem diluídas entre os elementos.

Ao contrário do que era esperado como premissa, as características do jornalismo literário presentes nas narrativas apresentam certa porosidade entre os elementos, pois não foi possível traçar um paralelo direto entre os elementos e as características. Um vídeo, por exemplo, é utilizado tanto para a apresentação dos personagens quanto para o aprofundamento temático. Pode-se dizer que o paralelo entre características do jornalismo literário e elementos multimídia fazem uma relação direta não entre si, mas com a experiência imersiva que o leitor terá, presumidamente, ao consumir aquela narrativa, e as adaptações estarão ligadas a essa experiência. Esse ponto poderá ser confirmado, mais adiante, em estudo de recepção de tais conteúdos junto aos leitores.

Apesar de neste artigo não termos dado foco para a fase quantitativa da pesquisa, é interessante observar que, de forma geral, a centralidade do elemento texto já era percebida no cenário mais amplo do TAB, pois 159 edições – de um total de 175 – têm este elemento como base para a construção da narrativa. Esse ranking é seguido por vídeos, que estiveram presentes em 132 edições, e por fotografias, em 114 edições. Mesmo quando olhamos para o período pré-“templatização”, que conta com 66 edições (entre elas uma em formato de história em quadrinhos HQ), podemos perceber que esses elementos se mantêm sendo os mais comuns. Assim, pode-se perceber que no período “pós-templatização”, se mantiveram os elementos que, além de fácil acesso no mobile, já eram mais presentes na construção narrativa. Durante a entrevista com o ex-editor, ele reconhece a perda de interatividade entre o leitor e conteúdo, mas reforça que foi uma decisão tomada para que a manutenção do TAB fosse viável a longo prazo:

Mas de fato teve uma padronização maior na narrativa, [...] o texto tradicional acaba parecendo um pouco mais. Porque você acaba não tendo mais tantos recursos multimídia ou de interação para poder compor a história. [...] Você acaba usando mais a arte infografia e textos realmente para ousar. Então foi feito esse ajuste pensando muito na performance em mobile, e também manter o projeto viável. Ele sempre foi um projeto que exigia uma expertise alta, tinha um desenvolvimento caro e por tudo isso foram feitos ajustes para mantê-lo viável, para mantê-lo saudável. (Tozzi, comunicação pessoal, 2020, 13 de Fevereiro).

Ao considerar o universo total da pesquisa, percebemos que as edições que exibem todas as características/categorias do jornalismo literário representam apenas 5% de um montante de 176 reportagens. Os dados mostram um cenário no qual esse tipo de narrativa ainda é pouco explorado, mesmo com tanto potencial. É impossível fazer afirmações enfáticas quando o material analisado representa uma parcela pequena de um universo extenso de veículos nacionais e internacionais que apostaram no jornalismo longform e que, porventura, utilizaram esse espaço para apresentar textos jornalístico-literários.

Mas, durante o desenvolvimento do trabalho, encontramos inúmeros projetos criativos que trabalham com esse tipo de jornalismo e que merecem o olhar atento de outros pesquisadores com interesse no tema. Alguns exemplos mais clássicos são a reportagem multimídia *SnowFall*²⁰ do The New York Times; e os especiais *Tudo Sobre*²¹ da Folha de S. Paulo. O The Washington Post apostou na grande reportagem multimídia ao publicar *New Age of Walls*²², uma série em três partes descrevendo a crise global dos imigrantes. O El País fez o mesmo com o especial multimídia 28 dias, 28 histórias para acabar com tabus sobre a menstruação²³, que aborda a questão sob diferentes pontos de vista e formatos.

Além do campo dos grandes jornais, temos a reportagem interativa *ReBuilding Haiti*²⁴, um projeto²⁵ dividido em seis capítulos que parte do terremoto que ocorreu na capital do Haiti em janeiro de 2010 e coloca o leitor no papel de pessoas responsáveis pela reconstrução do local –esse projeto inclusive é citado por Giles e Hitch (2017) como um exemplo de jornalismo literário multimídia interativo.

O trabalho desenvolvido com o TAB foi capaz de gerar discussões pertinentes para a temática da pesquisa ao passar pelas características do webjornalismo e da cultura digital, e isso se deu principalmente pela plataforma ter se transformado durante o período analisado. Ela se adaptou frente às necessidades do público e

do mercado, algo que foi fundamental para a permanência do projeto que continua vivo após mais de cinco anos.

Essa toada de adaptações e transformações também ocorreu com o objeto científico da pesquisa, o jornalismo literário, que após décadas atrelado à plataforma impressa, passou a fazer parte do espaço de escrita digital. Nesse processo ele não perde a essência, firmada pelas características estudadas durante toda a pesquisa, se mantendo firme no propósito de fazer um jornalismo perene, que traz a público histórias que de outro modo poderiam passar despercebidas.

Quando olhamos especificamente para o jornalismo literário multimídia, ainda não é possível afirmar que ocorra, ou vá ocorrer, uma consolidação dele como gênero. Se fosse possível colocá-lo dentro de uma caixinha, é mais provável que ele pudesse ser rotulado como um subgênero dentro do jornalismo literário, mas como tratamos no decorrer da pesquisa, as evoluções ocorrem de maneira constante e a adição de tecnologias futuras a essa equação pode mudar continuamente esse cenário. Desde o livro-reportagem clássico, até a reportagem longform publicada na web, o jornalismo literário se mantém relevante, tendo na experiência do leitor, uma base para continuar existindo e evoluindo, diante de novas formas e formatos de consumo jornalístico. E essa experiência de leitura, com o uso dos recursos multimídia, aponta para a possibilidade de maior participação no processo, além de sugerir maior credibilidade e autenticidade na experiência de produzir e consumir histórias jornalístico-literárias.

NOTAS

- 1 Jornal acadêmico revisado por pares e patrocinado pela Associação Internacional de Estudos de Jornalismo Literário (IALJS). Recuperado de <https://ialjs.org/publications/>
- 2 Trecho original: “Literary journalism requires immersion reporting, accuracy, careful structuring, and a lot of labor, no matter what medium is used”.
- 3 Fonseca et al.(2020) incluem, ainda, como elemento multimídia, com lastro em Salaverría (2014), a realidade virtual e aumentada, que apresenta potencial para narrativas com detalhes caros ao jornalismo literário.

- 4 Recuperado de <https://tab.uol.com.br/edicoes/>
- 5 *Wireless Application Protocol* (3G), ou Protocolo para Aplicações sem Fio, é um padrão internacional para aplicativos que utilizam comunicações de dados digitais sem fio (internet móvel), como por exemplo o acesso à internet a partir de um smartphone.
- 6 Dados retirados do portal UOL: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>
- 7 Durante a pesquisa bibliográfica registramos uma infinidade de importantes autores que produzem reflexões sobre o JL, na literatura anglo-saxã e ibero-americana, a exemplo de Norman Sims e Antonio Cuartero, entre inúmeros outros em todo o mundo. Seleccionamos, para atender a proposta da pesquisa, dois brasileiros e dois norte-americanos, por serem bastante conhecidos e utilizados, inclusive, em cursos de jornalismo no país.
- 8 Como no período analisado o TAB produzia uma web-reportagem por semana, a equipe da plataforma decidiu chamá-las de “edição” e adotamos essa nomenclatura ao longo da pesquisa.
- 9 Trecho original: “specific electronic properties of cyberspace, that is, hypertextuality, multimediality and interactivity, not only allow for new narrative possibilities but also offer enhanced means of immersion for the reader”.
- 10 Trecho original: “Similar to the process of immersion, dramatic devices employed by New Journalists almost half a century ago are being transformed into participatory activities on the Internet. Moreover, the features of the Internet allow for new forms of multiperspectival narration. Taken together electronic properties can lead to an increase in authenticity and credibility for online narrative journalism”.
- 11 Edição publicada em 12/3/2018. Recuperado de <https://tab.uol.com.br/edicao/depressao/#depressao-social>
- 12 Informação sobre a imagem: no frame do vídeo, a personagem está deitada no sofá ouvindo o interfone tocar e pensando em como não consegue se levantar para pegar a comida.
- 13 Trecho original: “multimedia features of this long-form journalism

are not just representations of the technological adeptness of today's journalists but also the driving force behind a new period of literary journalism”.

- 14 Trecho original: “Given the lack of interactivity between readers and the feature's multimedia elements—as nothing more than a click is needed to begin a slideshow or video—the reading experience is primarily literary”.
- 15 Trecho original: “Despite its wealth of multimedia, these merely supplement the writing and, if removed, would leave the narrative intact”.
- 16 Recuperado de www.uol.com.br
- 17 Informação sobre a imagem: reprodução da tela dividida na qual o leitor pode escolher por qual personagem começar a leitura.
- 18 Informação sobre a imagem: ao passar o cursor sobre o nome dos personagens o leitor pode selecionar para qual história quer seguir.
- 19 Informação sobre a imagem: a capa da edição mantém o padrão de “pré-templatização”.
- 20 Recuperado de www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek
- 21 O jornal Folha de S. Paulo é controlado pelo Grupo Folha, um dos principais conglomerados de mídia do Brasil, e é responsável pela série de web-reportagens especiais *Tudo Sobre*. Os textos desse projeto versam sobre assuntos variados, entre eles, desmatamento, crise hídrica, comércio ilegal e ditadura. Recuperado de www1.folha.uol.com.br/tudosobre
- 22 Recuperado de www.washingtonpost.com/graphics/world/border-barriers/global-illegal-immigration-prevention/
- 23 Recuperado de https://elpais.com/agr/28_dias_tabu_regla/a
- 24 Recuperado de <http://apps.rue89.com/haiti/en/>
- 25 Feito de forma conjunta pelo European Journalism Centre, Rue 89 e a The Pixel Hunt.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Benakouche, T. (1999). Tecnologia e Sociedade: Contra a Noção de Impacto Tecnológico. *Cadernos de Pesquisa*, (17), 1-28. Recuperado de www.geocities.ws/ecdemoraes/texto_tamara.pdf
- Berning, N. (2011). Narrative Journalism in the Age of the Internet. New Ways to Create Authenticity in Online Literary Reportages. *Textpraxis* (3), 1-15. Recuperado de www.textpraxis.net/nora-berning-narrative-journalism-in-the-age-of-the-internet
- Borges, R. (2013). *Jornalismo Literário: Análise do Discurso*. Florianópolis: Editora Insular.
- Conceição, C. S. (2020). Gênero híbrido em metamorfose: análise das características jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL TAB (2014-2018) [dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Repositório Digital Institucional da UFPR.
- UOL. (2014, 13 de outubro). *UOL lança o TAB, novo projeto editorial interativo*. Recuperado de <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2014/10/13/uol-lanca-o-tab-novo-projeto-editorial-interativo.htm>
- Dowling, D., & Vogan, T. (2014). Can we ‘Snowfall’ this? Digital longform and the race for the tablet market. *Digital Journalism*, 3(2), 209-224. DOI: 10.1080/21670811.2014.930250
- Dowling, D. (2017). Toward a New Aesthetic of Digital Literary Journalism: Charting the Fierce Evolution of the “Supreme Nonfiction”. *Literary Journalism Studies*, 9(1), 101–117. Recuperado de <https://s35767.pcdn.co/wp-content/uploads/2017/07/05-Dowling-100-117.pdf>
- Fonseca, A., Souza Lima, L., & Barbosa, S. (2020). Uma Proposta de Framework Teórico para Análise da Experiência no Jornalismo Imersivo. *E-Compós*, v.23, 1-30. DOI: 10.30962/ec.2022
- Giles, F., & Hitch, G. (2017). Multimedia Features as “Narra-descriptive” Texts: Exploring the Relationship between Literary Journalism and Multimedia. *Literary Journalism Studies*, 9(2), 74–91. Recuperado de <https://ialjs.org/wp-content/uploads/2017/11/04-Digital-LJ-74-91.pdf>
- Horn, A. T. A., & Del Vecchio de Lima, M. R. (2020). João Canavilhas: Pontuações e revisões sobre o jornalismo em uma cultura midiática digital. *MATRIZES*, 14(2), 145-159. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v14i2p145-159

Hughes, T. P. (1983). *Networks of Power. Eletrification in Western Society, 1880-1930*. Baltimore: The John Hopkins University Press.

Ito, L. de L. (2018). *A (r)evolução da reportagem – Estudo do ciclo da reportagem hipermídia: da produção às respostas sociais*[tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”]. Repositório Institucional Unesp.

Jacobson, S., Marino, J. & Gutsche, R. (2015). The digital animation of literary journalism. *Journalism*, 17(4), 527–546. DOI: 10.1177/1464884914568079

Keeble, R. L. (2018). Jornalismo Literário como Disciplina: além de Tom Wolfe. *Brazilian Journalism Research*, 14(3), 894–915. DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1126

Kramer, M. (1995, 1º de janeiro). Breakable rules for literary journalism. *Nieman Foundation*. Recuperado de <https://nieman.harvard.edu/stories/breakable-rules-for-literary-journalists/>

IALJS– International Association for Literary Journalism Studies. (s.d.). *Mission Statement*. Recuperado de <https://ialjs.org/mission-statement/>

Lima, E. P. (2009). *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (4ª ed.). Barueri (SP): Manole.

Longhi, R. R. (2014). O turning point da grande reportagem multimídia. *Revista Famecos*, 21(3), 897–917. DOI: 10.15448/1980-3729.2014.3.18660

Longhi, R. R., & Winkes, K. (2015). O lugar do longform no jornalismo online. *Brazilian Journalism Research*, 11(1), 110–127. DOI:10.25200/BJR.v11n1.2015.693

Martinez, M. (2016). *Jornalismo Literário: tradição e inovação*. Florianópolis: Insular.

Pena, F. (2017). *Jornalismo Literário* (2ª ed.). São Paulo: Contexto. E-book (sem paginação).

Salaverría, R. (2014). Multimedialidade: Informar para os cinco sentidos. In J. Canavilhas (Org), *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (pp.25–52). Covilhã, UBI: LabCom. Recuperado de www.academia.edu/9640216/Webjornalismo_7_carater%C3%ADsticas_que_marcam_a_diferen%C3%A7a

Schneider, J. (2018, 10 de agosto). Daniel Tozzi conta a história do UOL Tab. *ReviDigital*. Recuperado de <http://revidigital.com.br/daniel-tozzi-counta-a-historia-do-uol-tab/>

Sims, N. (2009). The Problem and the Promise of Literary Journalism Studies. *Literary Journalism Studies*,1(1), 7–16. Recuperado de <https://s35767.pcdn.co/wp-content/uploads/2009/05/7-16-sims.pdf>

TIC Domicílios. (2017). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. Recuperado de https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_dom_2017_livro_eletronico.pdf

Wolfe, T. (2005). *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

CÍNTIA SILVA DA CONCEIÇÃO. Jornalista com mestrado em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. É pesquisadora do Grupo Comunicação e Cultura Ciber – Click. Email: cintiasilva.jornalismo@gmail.com

MYRIANDEL VECCHIO-LIMA. Jornalista com doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná. Tem pós-doutoramento em Ciências da Informação e Comunicação (Jornalismo Digital), pela Université Lyon 2, Lyon, França, com bolsa Capes; e mestrado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. É líder do Grupo de Pesquisa Click (Comunicação e Cultura Ciber). Membro da Rede de Pesquisas Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami). E-mail: myriandel@gmail.com

Um dos pareceres utilizados na avaliação deste artigo pode ser acessado em: <https://osf.io/wgyxm>

Seguindo a política de ciência aberta da BJR, o avaliador autorizou a publicação do parecer e a divulgação do seu nome.